

I

À uma hora da tarde, num dia da Primavera de 1868, um jovem dos seus vinte e sete anos, descuidada e pobremente vestido, subia a escada escura de um prédio de cinco andares na rua dos Oficiais, em Petersburgo. Batendo pesadamente com as galochas gastas, baloiçando lentamente o corpo pesado, desajeitado, alcançou por fim o topo da escada, parou em frente de uma porta partida e entreaberta e, sem tocar à campainha, mas apenas respirando ruidosamente, entrou num pequeno corredor escuro.

“Nejdánov está?”, chamou ele numa voz alta e rude.

“Não. Eu estou aqui, entre”, respondeu da sala ao lado uma voz de mulher, também bastante rude.

“É a Machúrina?”, perguntou o recém-chegado.

“Sim, sou eu. E você, é o Ostrodúmov?”

“Pímen Ostrodúmov”, respondeu ele e, tirando primeiro cuidadosamente as galochas e depois pendurando num prego o sobretudo coçado, entrou no quarto de onde vinha a voz feminina.

Era um quarto pequeno, desarrumado, com as paredes pintadas de verde fosco, mal iluminado por duas janelas cheias de pó. Todo o mobiliário consistia numa cama de ferro a um canto, uma mesa no meio, algumas cadeiras, uma estante empilhada de livros. À mesa estava sentada uma mulher dos seus trinta anos, sem chapéu, com um vestido preto de lã, e fumava um cigarro. Ao ver Ostrodúmov, estendeu-lhe em silêncio a sua grande mão vermelha. Este apertou-a também em silêncio e, caindo sobre uma cadeira, tirou do bolso um charuto partido ao meio. Machúrina deu-lhe lume — ele começou a fumar, e ambos, sem proferirem uma só palavra e nem sequer olhando um para o outro, começaram a lançar baforadas de fumo azul para a atmosfera estagnada do quarto, que estava já bastante carregada.

Entre os dois fumadores havia algo em comum, embora as suas feições não tivessem nada de semelhante. Nas suas figuras desalinhas, de lá-

bios, dentes e narizes grandes (Ostrodúmov era até picado das bexigas), havia algo de honesto, firme e perseverante.

“Não viu o Nejdánov?”, perguntou, por fim, Ostrodúmov.

“Vi. Vem já. Foi buscar uns livros à biblioteca.”

Ostrodúmov cuspiu para o lado.

“Porque é que ele anda sempre a correr de um lado para outro? Nunca o consigo apanhar.”

Machúrina pegou noutra cigarro.

“Aborrece-se”, disse ela, acendendo-o cuidadosamente.

“Aborrece-se!”, repetiu Ostrodúmov em tom de censura. “Que sensibilidade! Como se não tivéssemos que fazer. Sabe Deus se conseguiremos safar-nos — e ele aborrece-se!”

“Veio alguma carta de Moscovo?”, perguntou Machúrina, fazendo uma pausa.

“Sim... há três dias.”

“Leu-a?”

Ostrodúmov só abanou a cabeça.

“E então? O que há?”

“O quê? Temos de lá ir em breve.”

Machúrina tirou o cigarro da boca.

“Mas porquê? Dizem que vai tudo bem por lá.”

“Sim. Mas há um que se tornou pouco seguro e é preciso vermo-nos livres dele. Mas não é só isso. Há outras coisas. Chamam-na também a si.”

“Na carta?”

“Na carta.”

Machúrina sacudiu o seu cabelo pesado, o qual, descuidadamente enrolado atrás numa pequena trança, caiu para a frente sobre a testa e as sobrancelhas.

“Bem”, disse ela, “se foi decidido — não há nada que discutir!”

“Claro que não. O que acontece é que sem dinheiro não se pode fazer nada. E onde é que nós vamos arranjar dinheiro?”

Machúrina ficou pensativa.

“Nejdánov deve poder arranjá-lo”, disse em voz baixa, como pensativa.

“Por isso mesmo é que vim cá”, observou Ostrodúmov.

“Tem aí a carta?”, perguntou, de repente, Machúrina.

“Aqui? Quer lê-la?”

“Dê-a cá... ou não, não é preciso. Podemos lê-la quando estivermos todos... depois.”

“Eu falo verdade”, resmungou Ostrodúmov, “não duvide.”

“Claro que não duvido.”

E ambos se calaram de novo, e só nuvens de fumo, como antes, lhes saíam das bocas silenciosas, subindo e curvando-se tenuemente por cima das suas cabeças crespas.

No corredor, ouviu-se um barulho de galochas.

“Cá está ele!”, sussurrou Machúrina. A porta abriu-se ligeiramente e pela greta apareceu uma cabeça — mas não a de Nejdánov.

Era uma cabeça redonda com cabelo preto e crespo, grande testa enrugada, olhos castanhos muito vivos debaixo de umas sobranceiras grossas, um nariz arrebitado, como de pato, e uma boca cor-de-rosa, grossa, trocista. Aquela cabeça olhou, abanou, sorriu — exibindo numerosos dentes pequenos e brancos — e entrou juntamente com um corpo frágil, braços curtos e pernas um pouco curvas e um pouco coxas. E logo que Machúrina e Ostrodúmov viram aquela cabeça, uma expressão de desprezo e condescendência veio-lhes ao rosto, como se pensassem: “Ah, é este!” — e não disseram uma só palavra nem se moveram. Além disso, o recém-vindo não só não se ralou com aquela recepção, como parece ter ficado muito satisfeito.

“Que significa isto?”, perguntou ele com uma voz chiante. “Um dueto? Porque não um trio? E onde está o primeiro tenor?”

“Refere-se a Nejdánov, senhor Páklin?”, perguntou Ostrodúmov muito sério.

“Exactamente, senhor Ostrodúmov, a ele mesmo.”

“Deve estar a chegar, senhor Páklin.”

“Estou muito satisfeito por saber isso, senhor Ostrodúmov.”

O pequeno coxo virou-se para Machúrina. Esta estava sentada, franzindo as sobranceiras, e continuou a chupar vagarosamente o cigarro.

“Como está, minha querida... minha querida... Oh, que aborrecimento! Esqueço-me sempre do seu nome e do nome do seu pai!”

Machúrina encolheu os ombros.

“E não há precisão nenhuma de saber! Conhece o meu apelido. Para que é preciso mais? E porque está sempre a perguntar como estou? Não vê que estou viva?”

“Claro, é lógico!”, exclamou Páklin, dilatando as narinas e torcendo as sobranceiras. “Se não estivesse viva, este seu humilde criado não teria a satisfação de a ver aqui e de estar a falar consigo! A minha curiosidade é devida a um hábito mau e antiquado. Mas quanto ao seu nome... Como é desconfortável tratá-la simplesmente por Machúrina. Bem sei que só as-

sina as suas cartas com o nome de Bonaparte! Desculpe, Machúrina! No entanto, em conversa...”

“E quem lhe pede que converse comigo?”

Páklin sorriu nervosamente, como engasgado.

“Bem, desculpe, minha querida, minha jóia. Dê-me a sua mão, não se zangue. Bem sei que as suas intenções são boas — e as minhas também... Então?”

Páklin estendeu-lhe a mão... Machúrina olhou para ele com antipatia — mas estendeu a sua.

“Se quer realmente saber o meu nome”, disse ela com a mesma expressão sombria, “chamo-me Fiélka.”

“E eu Pímen”, acrescentou Ostrodúmov na sua voz de baixo.

“Ah, isto é muito... muito instrutivo! Mas, de qualquer maneira, digei-me, oh Fiélka! e vós, oh Pímen! Digei-me por que razão são ambos tão pouco cordiais, tão persistentemente antipáticos para mim, quando eu...”

“Machúrina acha”, interrompeu-o Ostrodúmov, “e não é ela a única, que não se pode confiar em si, porque está sempre a rir-se de tudo.”

Páklin virou-se repentinamente nos calcanhares.

“É esse o erro que as pessoas cometem habitualmente ao julgarem-me, meu caro Pímen! Em primeiro lugar, eu não estou sempre a rir-me, em segundo lugar — isso não incomoda ninguém e pode-se confiar em mim, que já fui honrado com a vossa confiança em mais de uma ocasião! Eu sou um homem honesto, meu caro Pímen!”

Ostrodúmov murmurou qualquer coisa entre dentes, mas Páklin abanou a cabeça e repetiu já sem sorrir:

“Não, não estou sempre a rir-me! Não sou de modo algum um homem alegre! Basta olharem para mim!”

Ostrodúmov olhou para ele. Realmente, quando Páklin não estava a rir, quando estava calado, o seu rosto tinha uma expressão quase desesperada, quase aterrorizada; tornava-se alegre e até sarcástico só quando abria a boca. Ostrodúmov, porém, não disse nada.

Páklin de novo se dirigiu a Machúrina:

“Bem, e os seus estudos, como vão? Tem tido êxito com a sua verdadeira arte filantrópica? É muito difícil auxiliar um cidadão inexperiente nos seus primeiros passos neste mundo de Deus?”

“Nada. Não há nada mais fácil se ele não for maior do que você”, respondeu Machúrina, que acabara de passar o seu exame para parteira, com um sorriso de satisfação.

Há cerca de ano e meio, deixara a família, de aristocratas pobres, no Sul da Rússia, e viera para Petersburgo com doze rublos no bolso; entrou

para uma escola de parteiras e trabalhou muito para obter o diploma. Era solteira... e muito casta. “Não admira!”, poderá dizer um céptico, lembrando-se do que dissemos da sua figura. Mas é de admirar por ser tão raro, permitimo-nos afirmar.

Ouvindo aquela resposta, Páklin de novo sorriu.

“Bravo, minha querida!”, exclamou ele. “Sinto-me vencido! Mas que fazer se sou tão minorca? Mas estou admirado: onde é que teria ido o nosso anfitrião?”

Páklin mudou intencionalmente o tema da conversa. Não podia reconciliar-se com a sua pequena estatura, com toda a sua figura pouco agradável. Sentia isso ainda mais, porque gostava terrivelmente de mulheres. Daria tudo para lhes agradar! A consciência da sua miserável aparência doía-lhe mais do que a sua origem baixa, do que a sua pouco invejável posição na sociedade. O pai de Páklin era um simples pequeno-burguês que, através de todo o género de meios desonestos, tinha chegado à posição de conselheiro titular. Administrava propriedades, casas e fazia dinheiro de todas as maneiras; mas começou a beber muito para o fim da vida e não deixou nada quando morreu. O jovem Páklin (chamava-se Síla... Síla Samsónytch² — e sempre considerara este nome uma ironia) estudou numa escola comercial, onde aprendeu correctamente alemão. Após muitas e duras dificuldades, entrou finalmente para um escritório particular com o ordenado de mil e quinhentos rublos de prata ao ano. Com esse dinheiro tinha de se sustentar, a uma tia doente e a uma irmã marreca. Na altura da nossa história, acabava de fazer vinte e oito anos. Páklin conhecia muitos estudantes e outros jovens, que gostavam dele por causa do seu espírito cínico, dos seus discursos divertidamente biliosos e autoconfiantes, da sua cultura tendenciosa mas genuína, sem pedantismo. Mas às vezes atiravam-se a ele. Uma vez, ao chegar tarde a uma reunião política... começou logo a pedir desculpas à pressa... “O pobre Páklin estava a cortá-las”, cantou alguém do canto, e todos riram. Páklin acabou por rir com eles, embora fosse como uma facada no seu coração. “Disse a verdade, o bandido!”, pensou para si. Conhecera Nejdánov num pequeno restaurante grego, onde costumava ir jantar e onde se sentava a arejar livre e audaciosamente as suas opiniões. Garantia que a principal causa da sua atitude democrática era a má cozinha grega, que lhe dava cabo do fígado.

“Aonde é que o nosso anfitrião teria ido?”, repetiu Páklin. “Já reparei que de há uns tempos para cá parece que não está em si. Ao menos que não se apaixone, valha-nos Deus!”

Machúrina franziu as sobrancelhas.